Português 12.º ano Pedro Silva · Elsa Cardoso · Susana Ribeiro Nunes

Letras em dia

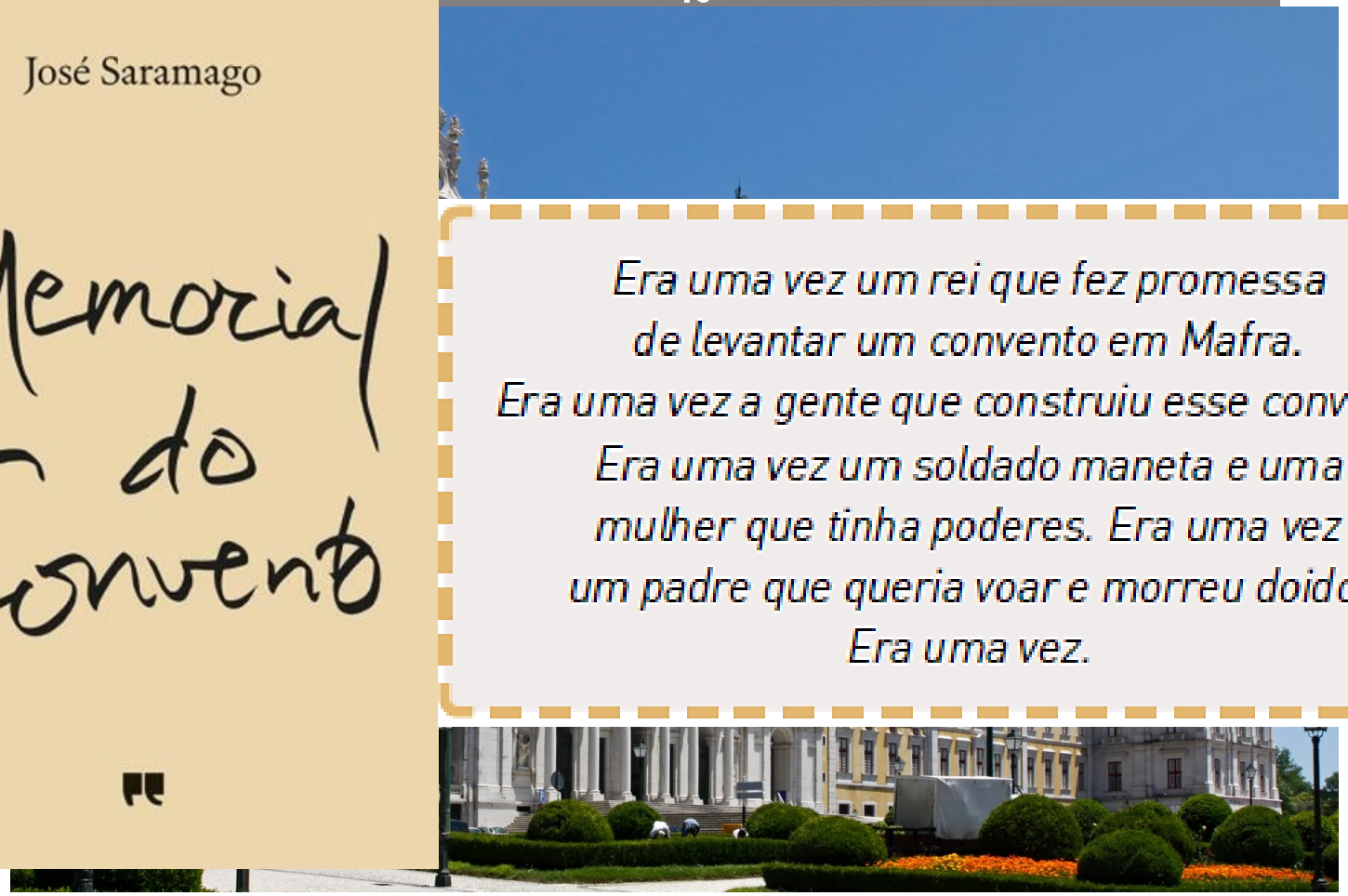
12

Memorial do Convento, José Saramago

Porto Editora

Memorial do Convento

O título e as linhas de



Era uma vez um rei que fez promessa de levantar um convento em Mafra. Era uma vez a gente que construiu esse convento. Era uma vez um soldado maneta e uma mulher que tinha poderes. Era uma vez um padre que queria voar e morreu doido. Era uma vez.

Memorial do Convento

O título e as linhas de

O *Memorial*, sendo-o embora de um convento, é-o, sobretudo, de uma época da qual se esqueceu a outra face composta por gente anónima cuja importância o narrador tenta perpetuar [...].

ARNAUT, Ana Paula, 1996. *Memorial do Convento – História, ficção e ideologia*. Coimbra: Fora do Texto. *Apud* ARNAUT, Ana Paula, 2008. José Saramago. Lisboa: Edições 70 (p. 160)

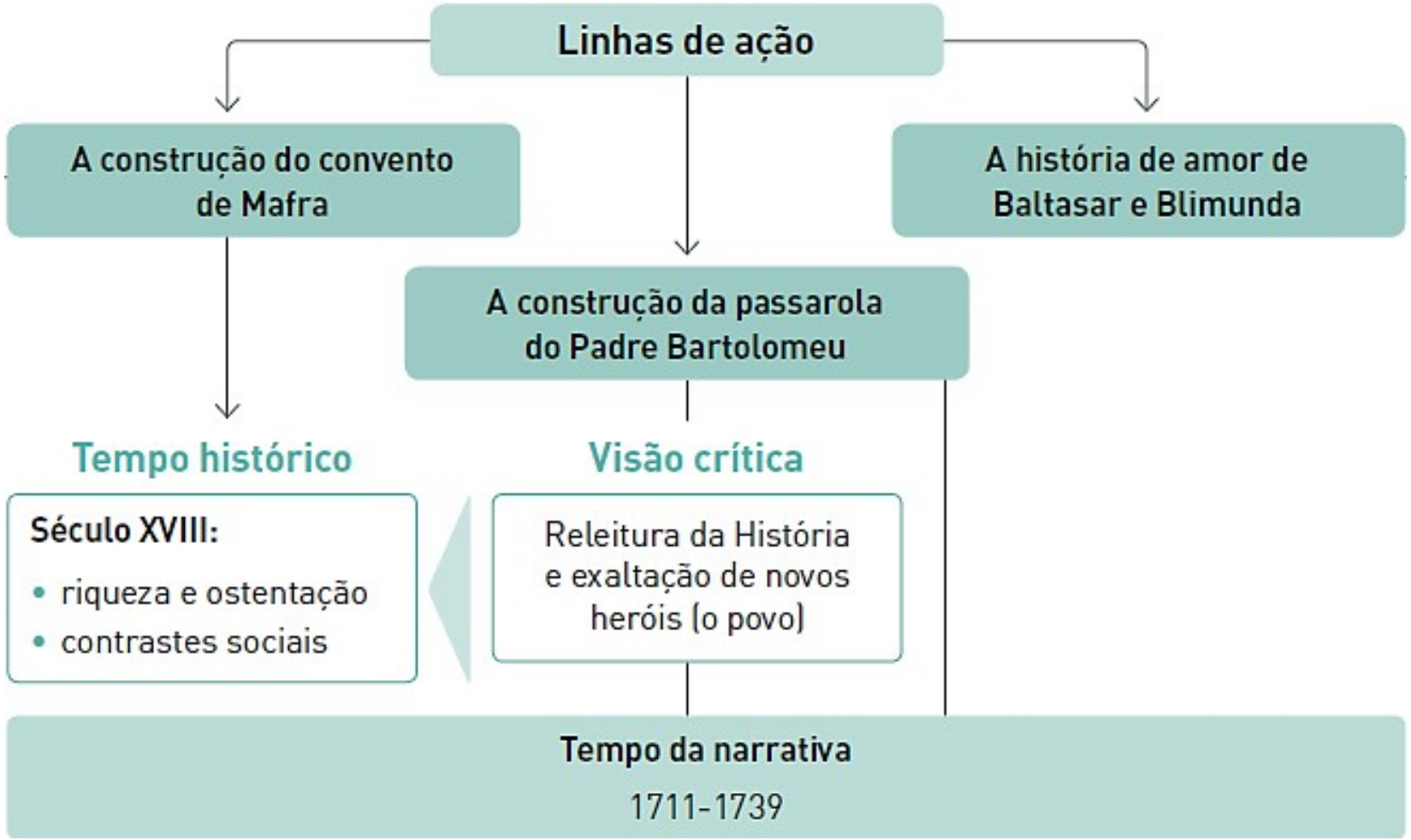
A estratégia memorialista surge representada, neste romance, desde logo no lugar estratégico do texto que é o seu título. E logo aí, de forma ambígua: este "memorial *do* Convento" privilegiará o que numa certa memória se reteve *acerca* do Convento, da sua origem, da sua construção e dos que nela trabalharam; mas não será ele também um memorial *pelo* Convento [...]? Mais do que a resolução da ambiguidade o que interessa ter em conta é a sua mesma existência enquanto fator de indecisão semântica instaurada *ab initio*[1].

REIS, Carlos, 1986. "*Memorial do Convento* ou a emergência da História". *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 18/19/20, fevereiro de 1986 (p. 94)

1. desde o início.

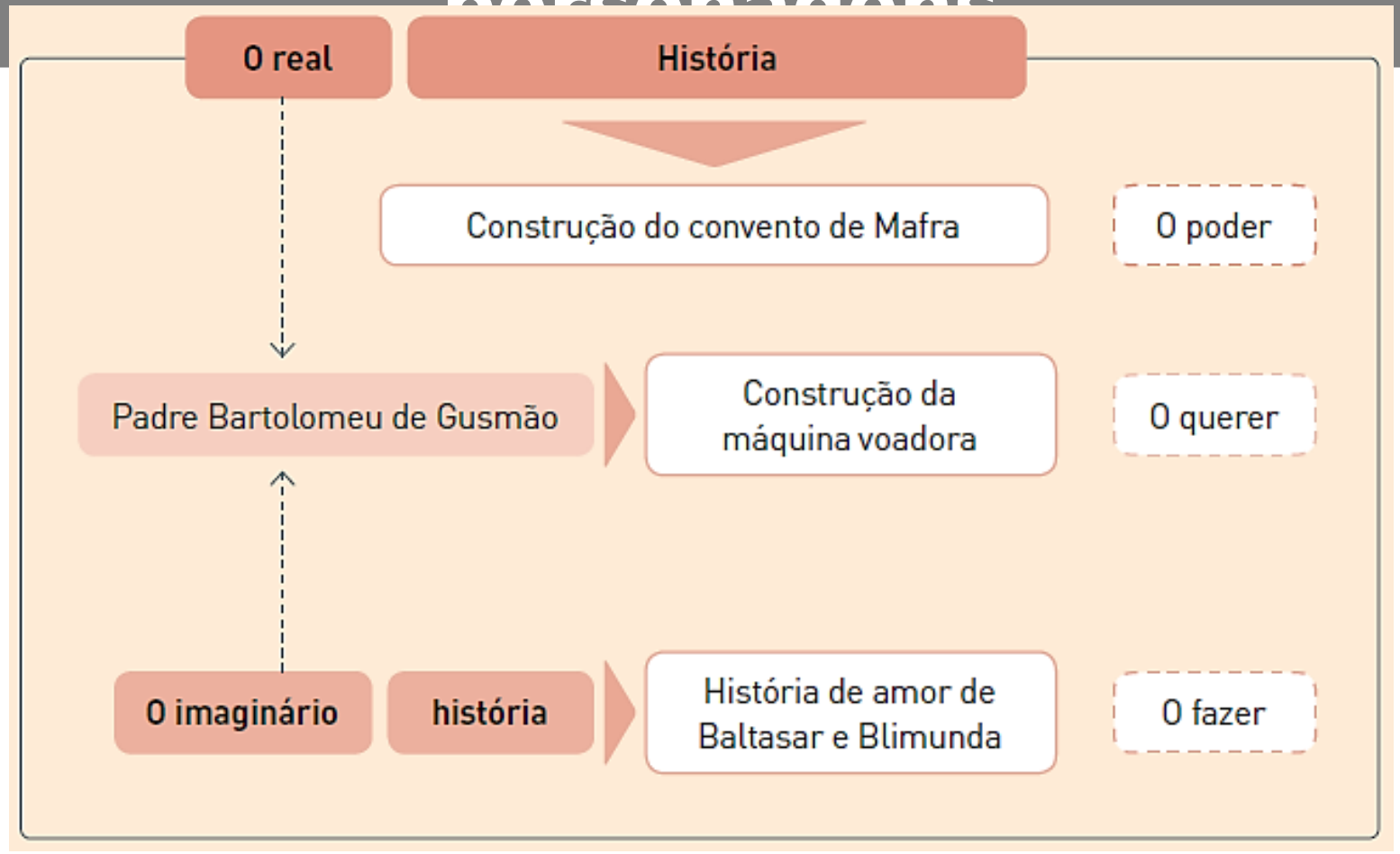
Memorial do Convento

As linhas de ação


Linhas de ação
A construção do convento de Mafra
A história de amor de Baltasar e Blimunda
A construção da passarola do Padre Bartolomeu
Tempo histórico
Visão crítica
Século XVIII:
• riqueza e ostentação
• contrastes sociais
Releitura da História e exaltação de novos heróis (o povo)
Tempo da narrativa
1711-1739

Memorial do Convento

A ação e a relação entre as personagens



Memorial do Convento

A ação e a relação entre as personagens

As personagens do poder

- D. João V e D. Maria Ana – relação distante, protocolar
- Membros da Corte

O teatro da corte: relações ritualizadas, marcadas pela convenção e pelo distanciamento

O reino das marionetas[1]

As personagens do querer

- Padre Bartolomeu de Gusmão
- Domenico Scarlatti

O poder do sonho

As personagens do fazer

- Baltasar e Blimunda – relação de amor sincero e sensual
- Povo, em particular os trabalhadores na construção do convento

A epopeia do povo: a genuinidade, a força

Os heróis do pé descalço[2]

O poder | **O contrapoder**

1. expressão de Maria de Fátima Marinho; 2. expressão de António Moniz.

Memorial do Convento

A ação e a relação entre as personagens

Uma análise da narrativa dá conta de uma história (a do amor de Baltasar e de Blimunda) que se passa dentro da História (D. João V manda edificar um convento em ação de graças pelo nascimento de sua filha, a infanta D. Maria Bárbara [...]); e a integração da história na História, ou seja, da invenção na memória, processa-se através de um plano ficcional que alia o real ao imaginário, [...]

A ligação entre estes dois campos de sentido, ou modalidades ("poder" e "fazer"), irá efetuar-se a partir da interferência em ambos de um terceiro elemento, parecendo pertencer aos dois ou não pertencer a nenhum deles: o Padre Bartolomeu, o homem do "querer" (do projeto que ele próprio constrói, aliando a si o desejo dos dois amigos que casualmente encontra, Baltasar e Blimunda, e que, encontrando, casa, juntando-os a si, ao seu desígnio, através deles aliando as "vontades" de muitos outros – num sonho individual que incorpora múltiplos e dispersos dados do coletivo: o sonho de voar).

SEIXO, Maria Alzira, 1999. *Lugares da ficção em José Saramago*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda (pp. 61-62)

Memorial do Convento

O tempo da narrativa

1708 — Casamento de D. João V com D. Maria Ana Josefa

1711 — Início da narrativa

Promessa de construção do Convento de Mafra

Auto de fé em Lisboa

União de Baltasar e Blimunda

Memorial do Convento

O tempo da narrativa

1717

- **Bênção das primeiras pedras do Convento de Mafra**

1730

- **Sagração da Basílica de Mafra**
- **41.º aniversário de D. João V**
- **Desaparecimento de Baltasar**
- **Início da viagem de Blimunda em busca de Baltasar**

Memorial do Convento

O tempo da narrativa

Tempo da história

1739

Auto de fé em Lisboa – Reencontro de Baltasar e Blimunda

Fim da viagem de Blimunda

Final da narrativa

Não correspondência com o tempo do discurso

Anacronias (prolepses, analepses, elipses e sumários)

O narrador como *"anacrónica voz"* (*Memorial do Convento*)

Visão crítica

Memorial do Convento [...] põe em cena a farsa palaciana e a epopeia do povo, desenhando, a partir da dupla construção do Convento e da Passarola, a anatomia de uma mentalidade caracterizada pelo grande número de celebrações ritualizadas (autos de fé, procissões, touradas, etc.), a figuração do poder (material/espiritual), misturando frequentemente os registos discursivos (sério/jocoso), para nos dar a ver, por um lado, o cenário luxuoso e ostentatório da corte [...], por outro lado, os bastidores miseráveis do reino.

BESSE, Maria Graciete, 2001. "*Memorial do Convento* de José Saramago e o imaginário barroco". *Mea Libra*, n.º 9, dezembro de 2001 (p. 101)

Memorial do Convento

Dimensão simbólica

Personagens			
Baltasar Blimunda	A unir Baltasar e Blimunda encontra-se o número sete que [...] simboliza a plenitude dos tempos. Esta plenitude realiza-se ainda mais por estar também associada à Lua (Sete-Luas), que é o símbolo da fecundidade, da renovação e da sensibilidade, e ao Sol (Sete-Sóis), que é símbolo do calor, da vida e da autoridade. Assim, os dois, Sete-Sóis e Sete-Luas, completam-se como um ciclo perfeito e transformam-se num só, como o confirma o facto de, no final da narrativa, Blimunda encontrar Baltasar pela sétima vez que passava por Lisboa.[1]	Constituem a "trindade terrestre".	Formam o quarteto simbólico que permite a concretização do sonho.
Padre Bartolomeu de Gusmão	Representa a subversão à ordem instituída, o valor do conhecimento, o desejo de ultrapassar limites e o poder do sonho. Associa o ato de sonhar à força da vontade humana, que supera todas as outras energias ou matérias.		
Domenico Scarlatti	Representa a sensibilidade criadora, o poder da redenção através da **música**, a capacidade de harmonizar o ser inteligível e o ser sensível; a música desempenha um papel mediador entre o homem e o divino, é a arte de atingir a perfeição. Por isso, a música surge no romance para que se torne possível a ascensão do sonho.[1]		

Memorial do Convento

Dimensão simbólica

Elementos	
Passarola	Exemplo de realização plena do trabalhador em relação ao objeto do trabalho, de harmonia entre a coisa sonhada e o sonho realizado. [...] Concebida pelo padre Bartolomeu, que a ela emprestou a sua ciência, e executada por Baltasar e Blimunda, que a ela oferecem os seus dons do artesanato e da magia. Pronta, bastaria que se elevasse aos ares e, para isso, contribuiu ainda a leveza dos sons musicais de Domenico Scarlatti, que a ela oferece a sua arte. A ciência, o artesanato, a magia e a arte contribuem juntos para a obra, cada um na sua medida e no seu tom, mas todos em consonância, unidos pelo mesmo objetivo, pelo mesmo sonho.[2]
Vontade	Simboliza o sonho, as potencialidades criadoras e a liberdade. Enquanto elemento essencial para fazer voar a passarola (associando-se e revelando-se indissociáveis das restantes matérias), simboliza a força do desejo e do sonho humanos.
Música	Remete para a união entre o humano e o transcendente.
Convento	Simboliza a opressão e a submissão dos mais fracos (por sujeição a uma vontade megalómana).

Memorial do Convento

Dimensão simbólica

Elementos	
Música	Remete para a união entre o humano e o transcendente.
Convento	Simboliza a opressão e a submissão dos mais fracos (por sujeição a uma vontade megalómana).
Número 3	Simboliza a perfeição e o ciclo da vida. Associa-se à "trindade terrestre" (o conhecimento do Padre Bartolomeu, o trabalho de Baltasar e a magia de Blimunda).
Número 4	Representa a plenitude, a universalidade, a totalidade e a transcendência. Surge associado aos quatro elementos, às quatro estações do ano, aos quatro pontos cardeais, às quatro fases da lua. O músico Domenico Scarlatti é o quarto elemento que se associa aos três já existentes para que a verdadeira ascensão seja possível.[1]
Número 7	Simboliza a totalidade, um ciclo perfeito.
Número 9	Simboliza a conclusão de um ciclo (associado à gestação) e o renascimento.

Memorial do Convento

Linguagem e estilo

- Tom oralizante – aproximação do discurso

Todas as características da minha técnica narrativa atual (eu preferiria dizer: do meu estilo) provêm de um princípio básico segundo o qual todo o *dito* se destina a ser *ouvido*. Quero com isto significar que é como narrador oral que me vejo quando escrevo e que as palavras são por mim escritas tanto para serem lidas como para serem ouvidas. Ora, o narrador oral não usa pontuação, fala como se estivesse a compor música e usa os mesmos elementos que o músico: sons e pausas, altos e baixos, uns, breves ou longas, outras.

SARAMAGO, José, 2016. *Cadernos de Lanzarote – Diário II*. Porto: Porto Editora (p. 47) (1.ª ed.: 1995)

Memorial do Convento

Linguagem e estilo

- Uso peculiar dos sinais de pontuação:
  - recurso apenas à vírgula e ao ponto final
  - discurso direto sem as marcações gráficas habituais: falas iniciadas por maiúscula e isoladas por vírgulas
- Comentários e ironia do narrador (geralmente omnisciente)
- Intertextualidade com obras e autores portugueses e estrangeiros, provérbios populares e expressões idiomáticas